



Arte e Feminismo: linguagens que se encontram na teoria e na prática artística.

Tayná Barbosa Nogueira Pacheco¹

Resumo: O artigo a seguir discorrerá sobre a performance MAMILOS, da Coletiva Corpatômica, apresentada no Espaço Cultural Universitário da Universidade Federal de Alagoas. Apresentarei um breve diálogo entre o artigo de Noemi Ramme, “É possível definir arte”? Contrapondo-o com a apresentação performática da Coletiva. Desta forma, proponho uma reflexão sobre o que e como a arte é vista dentro do contexto universitário e como esta pode se tornar algo transgressor à medida que evidencia os problemas sofridos por um determinado gênero.

Palavras-chave: Arte, Feminismo, Performance, Arte Contemporânea.

¹ Tayná Nogueira é estudante de Teatro-licenciatura da Universidade Federal de Alagoas, formada no curso técnico profissionalizante de Artes Dramáticas pelo SENAC-SP e atualmente integrante da Coletiva Corpatômica como provocadora cênica e intérprete criadora. Este artigo faz parte da pesquisa desenvolvida através do Projeto de Iniciação científica Poéticas feministas: reflexões sobre o teatro alagoano, com orientação da Profa. Dra. Ana Flávia Ferraz e com apoio da Universidade Federal de Alagoas e Fapeal. A autora compõe o projeto com o plano de trabalho intitulado: Vozes femininas: mapeando os coletivos.

Bem mais do que a aparência

A Coletiva Corpatômica se caracteriza por ser uma coletiva feminista, composta apenas por mulheres. Nascida de um desconforto em comum entre as integrantes, Maria França, Yolanda Ribeiro e Mirella Pimentel, que não são naturais de Alagoas, mas residentes neste estado há mais de quatro anos, que diziam se sentirem incomodadas quanto à abordagem masculina e olhares invasivos as suas existências nos espaços públicos. Em resposta a este problema foi criado o programa performativo que viria a ser o primeiro trabalho da coletiva apresentado ao público, intitulado MAMILOS.

MAMILOS se caracteriza por ser um processo de construção cênica híbrido, que transita entre a performance e a dança, trazendo a poesia das corpas e a denúncia da violência contra a mulher. A coletiva pontua que apresentar este programa pode ser traduzido em:

Uma experiência que arranca nossas vísceras a cada apresentação, uma gota d'água no deserto árido e seco [...] é sobre não morrer e mesmo assim continuar morrendo todos os dias. É sobre ser mulher numa sociedade machista opressora e violenta. É continuar denunciando toda a violência que permeia nossos corpos. É sobre resistência. -Coletiva Corpatômica. (MAMILOS. 2019. s/p. Texto extraído do folder do espetáculo. Disponível em: <https://www.instagram.com/corpatomica/>)

A palavra corpas é utilizada como um conceito. Yolanda Ribeiro² nos conta que utilizar o termo é um ato político de negação e destruição da normalidade prevista na língua portuguesa:

Acabei enxergando o termo e o vendo assim que começamos na Corpatomica e no início tínhamos o nome atômica de bomba, explosão. E corpo atômica, não fazia sentido quando a gente queria explodir essa estrutura patriarcal onde tudo é pautado no masculino, isso dentro da própria língua portuguesa, mesmo a maioria sendo mulheres fala-se eles e não elas. Sempre tiveram o protagonismo. E queríamos quebrar com esse protagonismo masculino. Corpatomica como explosão de Corpas, mulheres explodindo em suas mais variadas particularidades e existência. (RIBEIRO, 2020, Entrevista concedida à autora no dia 29 de abril de 2020.)

² Yolanda Ribeiro, atriz, performer, graduanda em teatro-licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas, 23 anos, Pernambucana. É no teatro de lambe-lambe que ela tem seu primeiro contato com a dramaturgia cênica, ali já investigava sobre o corpo feminino e denunciava a violência contra a mulher e desde então se aprofunda em diversas linguagens, tais como a dança e a performance.

Evidentemente, a performance nos solicita uma reflexão quase que imediata sobre a condição da mulher na sociedade contemporânea, onde nos vemos obrigadas a atender as expectativas de uma sociedade machista que nos cobra como devemos nos comportar em determinados ambientes. Ser mulher numa sociedade onde o índice de feminicídio só cresce significa ter que, diariamente, construir táticas de sobrevivência, e, neste contexto, a Coletiva compreende que, apesar das diversas violências que iremos sofrer ao longo da vida, é necessário desenvolver uma forte rede de apoio entre nós, mulheres, para que possamos ajudar umas às outras a continuarmos vivas. Sendo assim, entendem que podemos ter a arte como forte aliada na construção da mudança de pensamento dentro da sociedade. E é mesclando o universo da dança e performance em um único material cênico, que decidem inaugurar o programa performativo MAMILOS no dia 29 de março de 2019, no Espaço Cultural da Universidade Federal de Alagoas.

A performance acontece no pátio da Universidade e conta com diferentes momentos. Em meio a um silêncio avassalador, as intérpretes criadoras iniciam uma sequência de movimentos que dão abertura ao espetáculo. Observamos também algumas garrafas que ajudam a compor o cenário e dentro delas um líquido vermelho que nos causa curiosidade. A princípio elas se encontram apenas sentadas nas cadeiras que estão distribuídas no espaço, não existe distinção entre palco e plateia, dessa forma, todos (as) fazem parte da ação.

As performers nos apresentam um estado impenetrável de concentração, nenhuma palavra é dita no decorrer do espetáculo, pelo contrário, o silêncio cria uma atmosfera densa e conflituosa na cabeça do (a) espectador (a). Nossas mentes não estão acostumadas a lidar com os mamilos femininos à mostra, ainda mais quando estes são mostrados por mulheres fortes, peludas, e que assumem o seu corpo como instrumento político. Neste sentido, cria-se um confronto com o (a) espectador (a) que precisa lidar com o fato da nudez ser um dos elementos principais, sendo, muitas vezes, convidados (as) a fazerem parte da cena quando seus olhares se cruzam com os das performers. O espetáculo possui uma singularidade, que é o convite a revivermos nossas lembranças mais sutis enquanto mulheres, ao passo que algumas movimentações também nos levam às agressões que sofremos e reproduzimos durante a vida. Judith Chicago nos explicita um pouco mais sobre esta dita agressividade que permeia as performances contemporâneas que tratam a mulher como tema principal, em seu artigo: 'A Mulher como artista'.

O tabu da agressividade subjacente na sociedade manifesta-se de várias maneiras: a mulher que é ruidosa e age um tanto impositivamente é considerada uma “vaca”; a que é extrovertida e convicta do que deseja para si é chamada de “castradora”. Mulheres ruidosas, dominadoras, poderosas, impositivas, agressivas ou assertivas são temidas, ao passo que, nos homens, esses mesmos traços de personalidade são frequentemente admirados. (CHICAGO, 1971, p.38).

Podemos observar que as ações do programa performativo se dividem em sete momentos, sendo eles: *Chegada*, *Enfrentamento*, *Entrega*, *Fuga*, *Alívio poético*, *Abandono e sangrar* definido assim pelas próprias intérpretes. Ao meu olhar, vejo que em cada momento específico podemos construir uma narrativa e uma analogia ao que está sendo apresentado.

A *chegada* acontece junto com o público, uma vez que não sabemos quem irá de fato apresentar a performance, e isto só se torna evidente quando vemos os seios das intérpretes à mostra, pois, neste momento entendemos quem faz parte da ação e quem está apenas assistindo. No entanto, o silêncio que permanece no ambiente nos traz a sensação de estarmos todos e todas despidas/os junto com elas. O *enfrentamento* se evidencia no longo tempo em que passamos olhando para os olhos uns dos outros. Impacientes com a demora de uma ação concreta, o público fica cada vez mais desconsertado, tornando difícil até mesmo nos encarmos, enquanto as performers permanecem em constante enfrentamento conosco, buscando sempre olhar profundamente no olho de cada espectador (a). A *entrega* vem como a anúncio do desenrolar do espetáculo onde cada performer entrega uma garrafa com um líquido vermelho para uma mulher da plateia, mas ainda não nos é revelado o que será feito com o líquido.



Espectáculo MAMILOS - Fotografia Roberta Brito



Espetáculo MAMILOS – Fotografia Roberta Brito

Quando menos esperamos é chegado o momento da *fuga*. Após a entrega das garrafas, passos apertados, rápidos e fortes começam pelo palco, dando início a uma corrida sem fim. É a materialização da mulher que se encontra sozinha na rua e precisa fugir. Cansada, esta mulher para e respira, dando assim abertura para o *alívio poético*. Agora a dança é protagonista da performance e nos mostra que é possível respirar em meio a tanto caos. Cada uma, à sua maneira, realiza sua própria dança, mas sabendo que irão prosseguir e caminhar para o penúltimo momento, *sangrar*



Espetáculo MAMILOS - Fotografia Roberta Brito

Elas retiram as garrafas das mãos das mulheres que antes as seguravam e entregam para os homens da plateia, dando a eles a decisão de molhar ou não as performers. A frase exclamada por elas: ME MOLHA ! Os leva a jorrar o líquido vermelho sobre suas cabeças. Apesar de possuírem o poder da recusa, poucos o fazem. Assistir a esta ação nos leva a várias interpretações, algumas expressões masculinas enquanto o líquido é derramado nos remete ao alívio de quem está jogando. Porém, esta ação é incômoda para quem assiste, pois, enquanto mulher é inevitável assistir tal cena e não relembrar de violências que sofremos durante a vida, ou até mesmo aquelas que somente observamos, mas que nos atinge diretamente. Podemos observar alguns registros da performance abaixo:



Espectáculo MAMILOS - Fotografia Roberta Brito



Espectáculo MAMILOS - Fotografia Roberta Brito

Percebe-se que o impacto da obra se concretiza de maneiras diferentes entre homens e mulheres. Ao que parece, as mulheres revisitam sensações difíceis e cotidianas, ao passo que os homens muitas vezes se mostram indiferentes ao que está sendo exposto. Em outros momentos da performance percebemos o grande incômodo que permeia sobre os homens, tornando cada vez mais difícil o enfrentamento deles olho no olho com as intérpretes.

Durante toda a performance, elas utilizavam apenas uma cueca vermelha e tênis, os seus seios estão totalmente a mostra e, conseqüentemente, os seus MAMILOS. Investigar como o público reage à exposição dos seios femininos é intrigante, poucos são os homens que conseguem olhar para eles sem constrangimento algum. Em quantos momentos de nossas vidas temos nossos MAMILOS taxados como algo sexual, pejorativo ou obsceno? O grupo levanta questionamentos como: o porquê de nossos peitos serem sexualizados, até mesmo na hora da amamentação, qual a real diferença entre o mamilo feminino e o masculino, porque um é taxado como algo sexual e o outro é naturalizado?

Quebrando o TABU: quando o feminismo encontra a academia.

Assistir a performance proposta pela coletiva me fez, automaticamente, pensar e refletir em como a arte que é apresentada dentro da academia ainda possui muitos rótulos e tabus a serem quebrados. Lembro-me da discussão muito pertinente que foi levantada pelo Coletivo Guerrilla Girls³ quando elas se perguntam o porquê de as mulheres precisarem estar nuas para entrarem nos museus, e a partir deste questionamento elas colocam *a arte feminista* como forma de combate a um pensamento arcaico e machista.

Incorporando o feminismo em suas obras, vemos que desde os anos 60 tem-se aumentado o número de artistas que se empenharam na crítica da representação dos corpos e discutiu a ausência de mulheres na História da Arte, questionando instituições, cânones artísticos e desconstruindo um imaginário do que pode ser considerado como arte dentro de uma sociedade machista e patriarcal.

Dentro do espaço universitário ainda precisamos lidar com a moral e os moldes de uma instituição que muitas vezes possui um pensamento arcaico, porém, novas linguagens como a performance, por exemplo, vem ganhando espaço aos poucos. No entanto, o fato da arte feminista estar sendo explorada nos últimos anos dentro do ambiente acadêmico no estado de Alagoas também nos traz alguns apontamentos.

Na Universidade Federal de Alagoas pouco se estuda em sua grade curricular obrigatória do curso de Teatro-Licenciatura sobre esta modalidade, a Performance, e sobre Teatro Contemporâneo. Estas disciplinas só serão apresentadas no oitavo período do curso ao estudante, dificultando cada vez mais o nosso acesso à construção destas linguagens. Isto não quer dizer que elas não se façam presentes. Vemos que com o passar dos anos, alguns alunos e alunas se interessam por estudos na área e levam para a prática suas pesquisas.

É notório que MAMILOS nos leva a alguns questionamentos no espaço em que foi apresentada. Precisamos esclarecer, antes de qualquer coisa, que se tratava de um ambiente onde as artistas já estavam acostumadas a circular, e este fato não torna de nenhuma maneira, o ato mais fácil de ser realizado, muito pelo contrário. São justamente nos espaços em que conhecemos que sabemos por onde o julgamento e a crítica caminham.

³ Coletivo formado por artistas ativistas feministas anônimas. Formado em Nova York, no ano de 1985 o grupo questiona a desigualdade de gênero e raça dentro da comunidade artística. Através de pôsteres, livros, outdoors e aparições em algumas exposições de museus elas questionam o sexismo e o machismo presente no mundo da arte. Suas identidades continuam em segredo, por o grupo acreditar que os problemas apresentados por elas, são muito maiores do que suas personalidades e seus próprios trabalhos. (Arte, mulher e feminismo: muito além de Frida Kahlo. feminismo.org. br, ano. Disponível em: <https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2014/09/Arte-mulher-e-feminismo_Fernando-Oliveira.pdf>).

A discussão sobre o que deve ser considerada uma obra de arte e o que não está enquadrado neste molde geralmente é bem ampla e, sem o aprofundamento da mesma, podemos cair em um senso comum, uma vez que este é um conceito aberto e complexo. Sendo assim, é necessário expandirmos nossos olhares e compreender que o que está sendo proposto pelas mulheres na performance e na arte contemporânea vai além dos nossos padrões estéticos tradicionais para classificar o que é considerado arte e o que não é.

Neste sentido, Noemi Ramme nos traz uma premissa proposta por Morris Weitz reforçando que o conceito de arte é algo que deve ser entendido como um conceito aberto, algo que não é passível de descobrir uma essência qualificadora ou um conjunto de propriedades que ditarão se aquela obra se encaixa no quesito de obra de arte ou não. Podemos observar este ponto no seguinte parágrafo:

O conceito de arte seria intrinsecamente aberto e mutável, e designa um campo que se orgulha da sua originalidade e inovação. E mesmo que pudéssemos agora definir o que é arte, nada garante que a arte futura vai se conformar com esses limites. O mais provável é que suas transformações não parem de acontecer. Desse modo, diz Weitz, o caráter extremamente expansivo e instável da arte torna sua definição logicamente impossível. (RAMME, 2009, p.199,).

Olhando a questão por este ponto de vista, ficaria então extremamente difícil definir o que pode ser considerado arte e o que não pode. Neste sentido, entendemos que muito mais do que classificar os espetáculos, performances, ou arte contemporânea como sendo ou não uma obra de arte, é possível identificarmos critérios de reconhecimento com a obra, como ela nos toca, direta ou indiretamente, enquanto espectadores (as). E neste sentido, acredito que “MAMILOS” cumpre o seu papel questionador.

Outro ponto interessante para a análise é o fato de esses trabalhos serem, na maioria das vezes, protagonizados por mulheres e envolverem a temática de gênero. Neste sentido gostaria de ampliar a discussão sobre o que seria a arte feminista e feminina, e como esta estaria diretamente ligada com a construção do material que resultará no trabalho da artista. Linda Nochlin nos apresenta em seu artigo ‘ Porque não houve grandes mulheres artistas? ‘ a seguinte ponderação:

[...] em geral a experiência e a situação da mulher na sociedade – e logo, a da artista – é diferente da do homem. E, certamente, a arte produzida por um grupo de mulheres – conscientemente unido e intencionalmente articulado – determinado a impulsionar uma consciência de grupo sobre a experiência feminina deve ser identificada como arte feminista – ou feminina. Nessas obras feministas e femininas, o nu muitas vezes é apresentado como a libertação dos corpos femininos e, por este viés, não carrega uma preocupação estética em ser belo, por exemplo, diferentemente do que vinha sendo exposto dentro dos museus até então. (NOCHLIN, Linda.1971).

Levando em conta toda a problemática apresentada acima, vejo que a necessidade de apresentar os problemas vivenciados sobre o ser mulher em cena pode ser definitivo no resultado final da obra de arte. Assim sendo, penso que a teoria feminista e a articulação do movimento dentro do século em que vivemos, são fatores determinantes para a construção e entendimento desses novos processos, uma vez que a mulher necessita entender sua posição no mundo e também as violências que sofre diariamente para então construir sua expressão artística.

O conceito do belo também pode ser um ponto de reflexão em nossa análise, uma vez que o entendíamos como algo romântico que, em sua maioria, possui uma forma mais agradável e harmoniosa. Porém, Umberto Eco (2004), nos mostra a beleza como uma projeção da forma como o homem entende a si mesmo, sendo assim, cada fase específica, seja ela romântica, cubista, moderna, pós-moderna ou clássica, por exemplo, terá uma forma ideal a ser teoricamente alcançada ou pelo menos idealizada.

Conclusão

Concluo este artigo deixando viva a reflexão em cada leitor (a) sobre o papel da arte da Performance e da arte feminista para construção do campo artístico. Linguagem que se evidencia por ser transgressora e propositora e que busca constantemente reconstruir, reinventar ideias que antes achávamos indestrutíveis.

Entendo que a arte da performance é diversa e observo que na produção da Coletiva Corpatômica problemas são discutidos e refletimos a partir das possibilidades levantadas, assim como a arte feminista vem para nos fazer olhar para dentro de nós mesmas enquanto mulheres artistas, e para que possamos encontrar em nossa ancestralidade e em nossos corpos ou melhor dizendo, “corpas” a força motriz para criar artisticamente.

Durante séculos a concepção de arte, criação de personagens, histórias de teatro, artes plásticas eram criadas a partir de um pensamento masculino, agora temos a oportunidade de ressignificar estes estudos e assim apresenta-los a nossas demandas. Este certamente é um marco para a história da arte no mundo, uma vez que este pensamento não está concentrado apenas em Alagoas, mas é um reflexo de todo um pensamento mundial das últimas décadas.

A sexualização dos corpos femininos, o olhar invasivo dos homens para com as mulheres, a violência de gênero sofrida a cada dia, o aumento nos casos de feminicídio só nos mostram que precisamos combater veementemente todas essas formas de censura para com a nossa existência, e, através da arte, poder modificar ativamente a sociedade.

Torna-se evidente que diante de um desgoverno que estamos sofrendo há alguns anos no Brasil e os impactos do mesmo no mundo, é necessária a articulação não só da classe artística como também de toda a sociedade para a reformulação de todo um pensamento. Pretendo com esse artigo abrir cada vez mais o leque de discussões que podem ser feitas a partir de um tema e uma apresentação artística. O teatro, a performance, a dança, as artes plásticas e toda e qualquer forma artística, na maioria das vezes, não nos apresenta algo concreto e imutável, pelo contrário, é a partir delas que podemos compreender nas estrelinhas um mundo de possibilidades que podem ser discutidas e aproveitadas.

Referências

CORPATOMICA. Linktr. Portifólio e clipping. Disponível em: <<https://linktr.ee/coletivacorpatomica>>. Acesso em: 22 de março de 2019.

CHICAGO, Judy. **A mulher como artista**. Traduzido do inglês por Fábio Bonillo. *Everywoman*, v.2, n.7, 7.5.1971.

ECO, Umberto (org.). **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GUERRILLA, Girls. Disponível em: <<https://www.guerrillagirls.com/>>. Acesso em: 22 de março de 2019.

NOCHLIN, Linda. **Porque não houve grandes mulheres artistas**. ArtNews, EUA, volume 6.

OLIVEIRA, Fernando. **Arte, mulher e feminismo: muito além de Frida Kahlo**. feminismo.org.br, ano. Disponível em: <https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2014/09/Arte-mulher-e-feminismo_Fernando-Oliveira.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2019.

RAMME, Noeli. **É possível definir “Arte”?** . 2009. Analytica. Volume 13, n 1. Disponível em: <<http://analytica.inf.br/analytica/diagramados/159.pdf>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2020.

RIBEIRO, Yolanda. **Entrevista concedida à autora** no dia 29 de abril de 2020.